

O MODERNO **JÁ** PASSADO | O PASSADO **NO** MODERNO
reciclagem , requalificação , rearquitectura

anais do 7º seminário do_co_mo_mo_brasil

porto alegre, 22 a 24 de outubro de 2007

**Inconstantes cidades inversitárias
um estudo da Universidade de Brasília**

Klaus Chaves Alberto

Arquiteto e Urbanista. Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora.

CES/JF Campus Arnaldo Janssen - Av. Luz Interior, 345 – Bairro Estrela Sul, (32) 2102-7000
klaus@powermail.com.br

Inconstantes Cidades Universitárias: um estudo da Universidade de Brasília

As cidades universitárias no Brasil sofrem constantes revisões em seus projetos iniciais em função tanto da sua dinâmica educacional e política quanto tecnológica. Neste sentido, estes equipamentos tornam-se fontes importantes para estudos de requalificação no âmbito da arquitetura e do urbanismo.

Este artigo tem por objetivo analisar o caso exemplar de *campus* universitário no Brasil: a Universidade de Brasília - UnB. Esta universidade, como se sabe, surge em paralelo à criação de Brasília com o ideal de se construir uma nova universidade modelo para o país e para a América Latina. De forma semelhante aos grandes projetos para cidades universitárias no Brasil, o projeto para a UnB passou pela mão de arquitetos modernistas e, nesta empreitada, encontramos Lúcio Costa em um primeiro momento e Oscar Niemeyer no desenvolvimento do projeto definitivo. No campo da educação, um dos principais mentores foi o já experiente Anísio Teixeira que havia criado, em 1935, a Universidade do Distrito Federal – instituição paradigmática fechada pelo Ministro Capanema em 1939 por motivos políticos. Outro importante ator nesta área foi Darcy Ribeiro, assumindo a linha de frente dos debates e da formalização da idéia. Ele ainda se destaca pelo empenho em reunir, com o apoio da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), a comunidade científica do País em torno do projeto da nova universidade.

Desta forma a Unb destaca-se pela escala do empreendimento, pelos atores e os debates desenvolvidos nos campos da ciência e da educação, da arquitetura e do urbanismo e o conseqüente desejo de se fazer o melhor em todos os campos envolvidos nesta empreitada.

Desde sua formatação original feita por Lúcio Costa (1962), a cidade universitária sofreu diversas revisões. Ainda na etapa de projeto, em 1964, Niemeyer assumiu a responsabilidade pela definição do Instituto Central de Ciências e pela Praça Maior, o que praticamente redefiniu o caráter do *campus*. Posteriormente, quando partes significativas de seu corpo já estavam construídas, continuou sofrendo alterações que ora comprometem e ora ratificam a proposta inicial - em resumo podemos destacar as seguintes intervenções: Proposta do CEPLAN – Centro de Planejamento, em 1969; Proposta de Zoneamento, em 1970; Proposta de eixos de expansão, em 1971; Proposta de eixos de Vivência, em 1987/88.

Uma análise destas intervenções, sempre tendo como base o plano inicial visto sob o duplo aspecto arquitetônico e educacional, contribui para o entendimento da dinâmica própria das cidades universitárias brasileiras.

Vale ainda ressaltar que a Universidade de Brasília, além de ser uma icônica reflexão sobre as universidades precedentes, tornou-se uma forte referência nas décadas seguintes no campo projetual e mesmo no campo educacional. Sua requalificação não ocorre apenas no campo arquitetônico e urbanístico, é o reflexo de mudanças no campo educacional e político tornando a análise da representação arquitetônica mais complexa e instigante.

Abstract

University cities in Brazil have been subject to frequent revisions on their original projects, largely because of changes in related fields such as education, politics, and technology. On this sense, university cities are important sources for studies of readjustment in the scope of architecture and urbanism.

The objective of this article is to analyze the exemplary case of a university campus in Brazil: the University of Brasilia - UnB. That university develops in parallel to the creation of Brasilia with the ideal of building a new model university for the country and Latin America. Similarly to the creation of other big university cities in Brazil, modernistic architects were involved. At first, Lúcio Costa worked on UnB's project and, latter, Oscar Niemeyer developed the final project. In the educational field, Anísio Teixeira was one of the main mentors. He had a large previous experience and had been involved in the creation of the University of the Federal District. That was a paradigmatic university, it was closed by the Education Minister, Gustavo Capanema, in 1939 for political reasons. Another important actor in this area was Darcy Ribeiro, who led the debates about the importance of building UnB and he was successful in getting the support of the Brazilian scientific community and the Brazilian Society for the Development of Science (SBPC) for his project.

UnB's project gained importance for the scale of this enterprise, the actors involved, and the debates developed in the fields of science, education, architecture, and urbanism. It was clear a strong commitment to do the best in all fields related to this task.

Since its original form designed by Lúcio Costa (1962), the university city suffered several revisions. Still in the stage of a project, in 1964, Niemeyer assumed the responsibility for the definition of the Central Institute of Sciences and for the Main Square, what practically redefined the campus' character. Later, even when significant UnB's parts had already been constructed, it continued suffering changes. Those changes sometimes compromised and sometimes ratified the initial proposal. In summary we can highlight the following interventions: Proposal for the CEPLAN - Center of Planning, in 1969; Proposal of Zoning, in 1970; Proposal of expansion axles, in 1971; Proposal of axles of Experience, in 1987/88.

The study of these interventions on the initial project, under the educational and architectonic focus, contributes to the understanding of the dynamics proper to Brazilian university cities.

It is worth to note that University of Brasília, besides being an emblematic reflection about preceding universities, it became a major reference in project and education in the following decades. Its readjustments have not happened only in architectonic and urbanistic fields, they are consequences of changes in the educational and political fields, making the analysis of architectural representation more complex and exciting.

Palavras-Chave

Arquitetura; Educação; Cidade Universitária.

Key-words

Architecture; Education; University Cities.

Inconstantes Cidades Universitárias: um estudo da Universidade de Brasília

As cidades universitárias no Brasil estão constantemente sujeitas a revisões em seus projetos iniciais devido, principalmente, às dinâmicas inerentes ao campo da educação e da política, tanto quanto ao da tecnologia. Suas amplas dimensões, áreas livres de grandes proporções, a necessidade de acumular novos conhecimentos e criar novos espaços para abrigá-los e o fato de ser uma instituição secular praticamente as obrigam a sofrer constantes alterações até os dias atuais. Neste sentido, estes equipamentos tornam-se fontes importantes para estudos de requalificação no âmbito da arquitetura e do urbanismo.

Este artigo tem por objetivo analisar o caso exemplar de campus universitário no Brasil: a Universidade de Brasília - UnB. Esta universidade, como se sabe, surge em paralelo à criação de Brasília com o ideal de se construir uma “nova” universidade modelo para o país e para a América Latina. De forma semelhante aos grandes projetos para cidades universitárias no Brasil, o projeto para a UnB passou pela mão de arquitetos modernistas e, nesta empreitada, encontramos Lúcio Costa em um primeiro momento e Oscar Niemeyer no desenvolvimento do projeto definitivo. No campo da educação, um dos principais mentores foi o já experiente Anísio Teixeira que havia criado em 1935 a Universidade do Distrito Federal – instituição paradigmática fechada pelo Ministro Capanema em 1939 por motivos políticos. Outro importante ator nesta área foi Darcy Ribeiro, assumindo a linha de frente dos debates e da formalização da idéia. Ele ainda se destaca pelo empenho em reunir, com o apoio da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), a comunidade científica do País.

A revolucionária UnB

O Plano Orientador da UnB (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962) inicia-se com um diagnóstico pessimista do ensino superior no Brasil: houve um aumento significativo de demanda seguida de uma conseqüente expansão do ensino superior, no entanto a qualidade ficou profundamente afetada.

Esta questão foi enfrentada pelas novas lideranças políticas pós-Vargas como uma necessidade premente e, para isso, seria essencial destruir algumas barreiras que impediam o seu crescimento, tais como as taxas de ensino (o ensino superior sempre foi pago), as equivalências (havia diversas limitações quanto a conexão direta do ensino secundário com o superior que poderiam ser extirpadas com as equivalências) e os vestibulares (que restringiam o acesso às universidades). Por outro lado desenvolveram-se ações que favoreciam a expansão do ensino superior, como sua federalização, a

facilitação da criação de universidades e as tentativas de criação de universidades de “segunda categoria”, que seriam as universidades do trabalho.

Segundo Darcy Ribeiro novos rumos para atender as necessidades mais prementes da nação deveriam ser apontados para que soluções paliativas não se tornassem o fundamento das Universidades. Segundo ele, apenas uma Universidade com “(...) bases mais flexíveis” seria capaz de “abrir perspectivas de pronta renovação de nosso ensino superior” (MEC, 1962, p.5).

Mas, na visão de alguns importantes intelectuais da área de educação como Anísio Teixeira, o ambiente para a criação de uma nova universidade não era tão fecundo. O que facilitou a integração destes personagens nesta empreitada foram outros fatores que indicavam a importância de sua criação, como destaca Anísio Teixeira em seu depoimento à revista Anhembi em 1961¹

Não fui, de início, entusiasta de uma Universidade de Brasília. Fundamentalmente contrário a idéia de Metrópole, nunca achei que a Capital de uma República devesse necessariamente possuir uma Universidade. Brasília deveria ser apenas a sede do governo. Vi, porém, transformada em lei, durante o último ano, o projeto de criação de nada menos de onze universidades! Diante disto, logo percebi que, mais dia menos dia, Brasília teria a sua Universidade e, a tê-la, que a tivesse certa: aderi então, à idéia de Darci (sic) Ribeiro e, não só a idéia, ao plano de Darci Ribeiro (sic). (MEC, 1962, p.59)

Em linhas gerais, podemos afirmar que havia uma grande insatisfação do meio acadêmico com o formato vigente das universidades brasileiras, principalmente no campo da ciência onde vários pesquisadores trabalhavam em institutos separados da estrutura de universidade. Um texto paradigmático sobre a oportunidade que a Universidade de Brasília representava é o do físico José de Leite Lopes em uma entrevista concedida ao jornal O Metropolitano, por ocasião do Simpósio da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, sobre o projeto da Universidade de Brasília, em 1959,

Se não é possível uma reforma radical da universidade pela própria universidade, então a solução será construir um exemplo novo e, nesse sentido, Brasília se apresenta como uma oportunidade única. Construa-se ali uma universidade nos moldes mais modernos, mais eficientes, mais adaptados à época da revolução científica que estamos vivendo hoje; e que as

¹ Os vários depoimentos dos educadores que compõem o documento denominado Universidade de Brasília (projeto de organização, pronunciamento de educadores e cientistas e Lei nº 3998 de 15 de Dezembro de 1961) foram publicados na revista Anhembi em seus números 126, 127 e 128 correspondentes aos meses de maio, junho e julho de 1961.

demais universidades, pelo exemplo do que se fizer em Brasília, procurem ver que não haverá outra saída senão modificarem sua estrutura atual. (LOPES, 1959, p.46)

A resposta a estas questões e mesmo a compreensão de outras novas questões podem ser representados nos motivos definidos para a criação da Universidade considerando suas funções básicas:

- 1- Ampliar as exíguas oportunidades de educação oferecidas à juventude brasileira.*
- 2- Diversificar as modalidades de formação científica e tecnológica atualmente ministradas, instituindo as novas orientações técnico-profissionais que o incremento da produção, a expansão dos serviços e das atividades intelectuais estão a exigir.*
- 3- Contribuir para que Brasília exerça, efetivamente, a função integradora que se propõe assumir, pela criação de um núcleo de ensino superior aberto aos jovens de todo o país e a uma parcela da juventude da América Latina e de um centro de pesquisas científicas e de estudos de alto padrão.*
- 4- Assegurar a Brasília a categoria intelectual que ela precisa ter como capital do país e torná-la, prontamente, capaz de imprimir um caráter renovador aos empreendimentos que deverá projetar e executar.*
- 5- Garantir à nova Capital a capacidade de interagir com os nossos principais centros culturais, para ensejar o pleno desenvolvimento das ciências, das letras e das artes em todo Brasil.*
- 6- Facilitar aos poderes públicos o assessoramento de que carecem em todos os ramos do saber, o que somente uma universidade pode prover.*
- 7- Dar à população de Brasília uma perspectiva cultural que a liberte do grave risco de fazer-se medíocre e provinciana, no cenário urbanístico e arquitetônico mais moderno do mundo. (MEC, 1962, p.8-9)*

No primeiro item fica explícita a necessidade de se fazer frente ao já comentado déficit de vagas nos cursos superiores brasileiros. Segundo o Plano Organizador seriam oferecidas, até 1970, 10.000 vagas, o que corresponderia a um aumento de 11% no número total em todo o país. A UnB já nasceria com intuito de ser uma das maiores do Brasil, comparável apenas com os 9.058 vagas que a USP oferecia em 1959 e as 8.255 que a Universidade do Brasil também oferecia no mesmo período.

O segundo item é, praticamente, o reflexo da preocupação da entrada do Brasil na era tecnológica e os riscos de sua dependência. As faculdades brasileiras tradicionalmente produziam apenas um número limitado de carreiras profissionais que não estariam preparados para responder a diversidade tecnológica e industrial que estava sendo solicitada pelo mundo².

Os outros itens que se seguem dizem respeito exclusivamente à necessidade de aparelhar Brasília para se tornar uma Capital culta e com recursos suficientes para cumprir sua função que, segundo Darcy Ribeiro, teria que ser a de “cidade-líder” (RIBEIRO, 1991, p.144). Ter cinco das seis funções básicas da Universidade atreladas à Brasília já demonstra esta preocupação. A Universidade seria, então, responsável por criar “artificialmente” condições “naturais” semelhantes ao Rio de Janeiro,

(...) numa cidade como o Rio de Janeiro, aqueles órgãos [públicos] contam com uma imensa assessoria informal e indireta. Qualquer membro do judiciário, Legislativo ou Executivo pode encontrar, em minutos, um grande especialista mundial em percevejos, helicópteros ou no que quiser. Como seria no cerrado de Goiás? Lá somente encontraria percevejos mesmo ou, talvez, carrapatos e fabricantes de carros de boi. (RIBEIRO, 1991, p.145)

A Universidade teria uma relação intrínseca com a formação da cidade. Sua relação com esta não se resumiria a uma simples relação física, seria uma necessidade premente para que Brasília se tornasse uma profícua Nova Capital.

A Universidade para Arquitetos e Urbanistas

No campo dos arquitetos e técnicos, podemos verificar a “temperatura do tema” da universidade ao observarmos como eles se posicionaram em relação a este equipamento no concurso para a criação da capital.

Em 30 de setembro de 1956 foi publicado o Edital para o concurso nacional do Plano Piloto da Nova Capital do Brasil. Não foi definido um programa específico para a cidade, deixando a cargo dos arquitetos e engenheiros que participassem do concurso a definição dos equipamentos que deveriam compor a futura Capital. Em linhas gerais o Edital apenas exigia,

² Segundo Darcy Ribeiro,

(...) a produção não era tarefa de doutores, não exigia saber técnico nem qualificação profissional. Por isto, em parte, fomos superados em tantos ramos da produção, cada vez que outro país decidia entrar em competição conosco. Quando técnicos eram exigidos para instalar ou movimentar uma usina, uma fábrica, para construir uma rodovia ou explorar uma jazida, tratava-se de importá-los juntamente com a maquinaria e as normas de procedimento.

(...) Por muitos anos estivemos na condição de índios xavantes que, ao aprenderem a utilizar machados de aço, não mais puderam prescindir deles e se viram atados a seus fornecedores. (...) Só seremos realmente autônomos quando a renovação das fábricas aqui instaladas se fizer pela nossa técnica, segundo procedimentos surgidos do estudo de nossas matérias-primas e de nossas condições peculiares de produção e de consumo. (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, p.6)

a) traçado básico da cidade, indicando a disposição dos principais elementos da estrutura urbana, a localização e interligação dos diversos setores, centros, instalações e serviços, distribuição dos espaços livres e vias de comunicação (escala 1:25.000);

b) relatório justificativo (BRASIL, 1956)

Toda esta liberdade no que diz respeito à definição dos equipamentos da nova Capital nos possibilita hoje, ao estudar os diversos programas apresentados para o concurso de Brasília, aprender muito sobre as noções de modernidade na visão dos arquitetos, engenheiros e técnicos inscritos.

Como bem abordado no livro “Quando o moderno não era um estilo e sim uma causa”, de Anatole KOPP (1990), arquitetura e urbanismo modernos estavam relacionados intrinsecamente com os programas modernos. Estes programas eram, portanto, uma das principais formas de se fazer um projeto para os tempos vigentes e deveriam “representar” uma nova época com suas necessidades específicas.

É o próprio Lúcio Costa que, ao definir a arquitetura em seu texto “Considerações da Arte Contemporânea”, da década de 40, destaca o valor do programa

Pode-se então definir arquitetura como construção concebida com a intenção de ordenar e organizar plasticamente o espaço, em função de uma determinada época, de um determinado meio, de uma determinada técnica e de um determinado programa. (COSTA, 1997, p.246)

O programa seria uma das bases do trabalho do arquiteto e, por vezes, poderia mesmo tornar-se o principal elemento de um projeto.

Diante disto torna-se útil uma análise comparativa dos programas das várias propostas apresentadas, com foco específico sobre a presença da universidade na Capital, com o objetivo de avaliar a importância deste equipamento para o “novo” Brasil que estava sendo criado.

Dos vinte e seis projetos apresentados pudemos reunir dados suficientes de apenas treze³. Ainda que escasso e desnivelado, este material disponível nos permitiu comparações interessantes. Destes treze, onze possuem cidades universitárias⁴, verificando-se posteriormente, que todos os sete

³ Esta análise foi possível através do importante levantamento feito pela pesquisadora Aline Moraes Costa que tornou-se parte de sua dissertação de Mestrado: COSTA, Aline Moraes. **(Im) possíveis Brasília – os projetos apresentados no concurso do plano piloto da nova capital federal**. Campinas: UNICAMP, 2002. DISSERTAÇÃO (mestrado).

⁴ Projetos onde se inclui no programa a cidade universitária:

projetos premiados fazem parte deste grupo. Pudemos verificar igualmente que a visão de cidade universitária nos diversos projetos não é unívoca, embora exprimisse a certeza de que a universidade necessitaria de uma grande área física setorizada na cidade para melhor cumprir suas funções.

A Universidade estaria assim configurada como algo desejável e mesmo necessário na visão de educadores e arquitetos, mas como seria este novo modelo de universidade?

Estrutura da Universidade

Várias seriam suas inovações e um dos temas que se destaca é a formulação de seus três principais componentes: os Institutos Centrais, as Faculdades e os Órgãos Complementares.

Os Institutos seriam o componente mais inovador, pois neles os estudantes fariam cursos introdutórios de duas séries (dois anos) para todos os alunos da Universidade, a fim de dar-lhes preparo intelectual e científico básico para seguir os cursos profissionais nas faculdades. Seriam um preparativo para a faculdade, mas também poderiam ter outras utilidades, como cursos de bacharelado de 3 séries em qualquer disciplina departamental para os alunos que desejassem seguir a carreira do magistério; cursos de formação científica de mais dois anos, após o bacharelado, para os alunos que revelassem maior aptidão para pesquisas e estudos originais; programas de estudos de pós-graduados de dois anos para os candidatos ao doutoramento. (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, p.13)

Inicialmente foram programados oito institutos: Matemática, Física, Química, Biologia, Geo-Ciências, Ciências Humanas, Letras e Artes. Estes Institutos seriam compostos por vários departamentos como, por exemplo, o Instituto de Ciências Humanas seria composto pelos departamentos de Antropologia, Sociologia, Psicologia entre outros.

As Faculdades receberiam os alunos que, após dois ou três anos de estudos nos Institutos, optariam por fazer uma formação profissional. Estavam previstas as seguintes faculdades: Arquitetura e Urbanismo; Engenharia; Educação; Direito, Economia, Administração e Diplomacia; Ciências

Plano 01 - Carlos Casacaldi, João Vilanova Artigas e Paulo de Camargo e Almeida (classificação: 5º lugar);

Plano 02 - Eng. Boruch Milman (classificação: 2º lugar);

Plano 03 - Jorge Wilhelm;

Plano 05 - Eng. Arq. Eurípedes Santos;

Plano 08 - MMM Roberto (classificação: 3º lugar);

Plano 12 - Joaquim Guedes, Lílíana Guedes, Carlos Millan, Domingos Azevedo (classificação: 3º lugar);

Plano 17 - Rino Levi, Roberto Cerqueira César, Luís Roberto e Eng. Paulo Fragoso(classificação: 3º lugar);

Plano 20 - José Geraldo da Cunha Camargo;

Plano 22 - Lúcio Costa (classificação: 1º lugar);

Plano 24 - Henrique E. Mindlin, Giancarlo Palanti (classificação: 5º lugar);

Plano 26 - Milton C. Guiraldini;

Projetos onde não se inclui no programa a cidade universitária:

Plano 09 - MMM Eng. Ricardo Brasília Paes de Barros Schroeder;

Plano 16 - Pedro Paulo de Melo Saraiva, Júlio José Franco Neves,

Agrárias; Ciências Médicas. Estas faculdades teriam ainda setorizações específicas de acordo com as diversas formações que cada campo do conhecimento poderia oferecer.

Os órgãos complementares seriam os demais equipamentos que teriam como função servir de “extensão para a cidade e para o país”⁵. Além disso poderiam criar condições para que realmente ocorresse uma “vida” universitária, onde professores, alunos e servidores pudessem passar a vida naquele espaço, conforme aponta Anísio Teixeira.

Se a essa estrutura imaginada para cooperação e a interpenetração juntamos as demais instituições planejadas para a vida em comum dos estudantes e dos professores, não será difícil perceber que a Universidade de Brasília deverá transformar-se no primeiro marco da integração universitária no Brasil. Ao invés da atual organização ganglionar senão pulverizada, a nova Universidade será verdadeiramente a unidade na diversidade. Pelo menos uma vez vamos ser fieis à semântica. (TEIXEIRA; RAMOS; CARDOSO, 1961)

Os projetos para a UnB

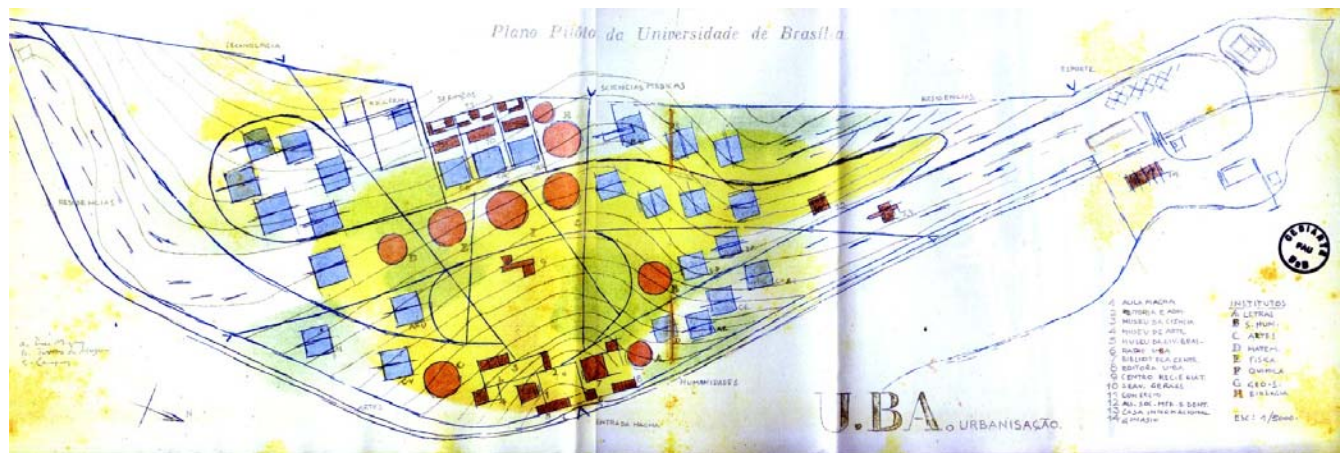


Figura 01 | projeto Lúcio Costa 1960 (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962)

⁵ Seriam os principais: a Aula Magna, a Biblioteca Central, a Rádio Universitária de Brasília, a Televisão da Universidade de Brasília, a Editora da Universidade, o Museum, as Casas de Cultura (para o ensino de línguas e da tradição cultural de diversos países). Ainda seriam órgãos complementares o Centro Educacional (com escola primária, e média – como escola de aplicação para a Faculdade de Educação), o Centro Recreativo e Cultural, Estádio Universitário, Centro de Assistência Médica e Dentária, a Casa Internacional (destinada a abrigar estudantes estrangeiros) e o setor de habitações para estudantes e professores.

A primeira proposta para a UnB foi feita em 1960 por Lúcio Costa. Ao analisar este projeto deve-se levar em consideração que foi apenas um “esboço”, não houve um projeto definitivo. Mas, embora não tenha sido um projeto “completo”, não há dúvidas que o princípio da Universidade estava bem articulado e já continha os conceitos urbanísticos estruturados, além de representar os ideais pedagógicos debatidos na formação da universidade no campo educacional. Neste sentido, o arquiteto trabalhou esta nova proposta pensada pelos educadores (Institutos Centrais, Faculdades e Órgãos complementares) de forma setorizada.

Certamente podemos fazer referência a sua experiência projetual com a Universidade do Brasil (1936) onde também há uma divisão dos edifícios procurando uma proximidade dos que deviam estar mais relacionados.

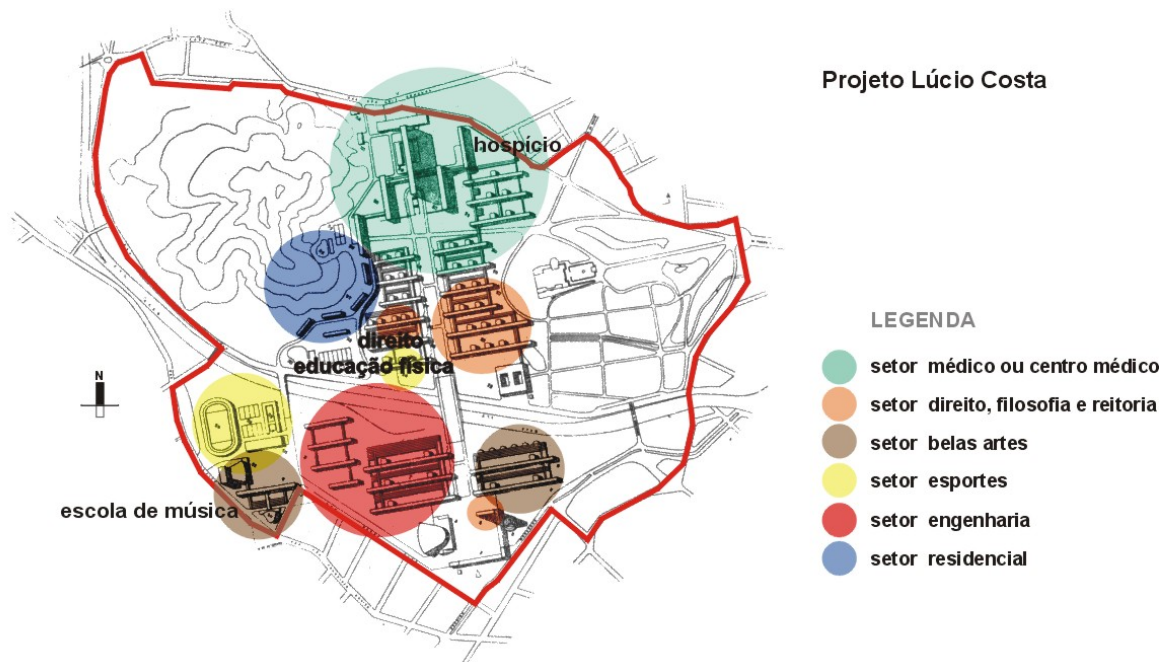


Figura 02 | setorização para a Universidade do Brasil (COSTA, 1997, p.183, grifo nosso)

No projeto para a UnB, ao contrário da ordem cartesiana proposta para o projeto da Universidade do Brasil, vemos que os Institutos, Faculdades e Órgãos Complementares se misturam em um grande “quebra-cabeça” onde a união das peças se faz pelas afinidades de programas. O Instituto de Artes, por exemplo, ficaria próximo ao Museu de Arte e das Faculdades ligadas a este tema. O mesmo aconteceria com os outros institutos.



Figura 03 | projeto Lúcio Costa 1960 (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, grifo nosso)

Destaca-se nesta proposta ainda uma praça de acesso logo na entrada de forma semelhante ao projeto feito pelo arquiteto em 1936 para a Universidade do Brasil. Após esta, há uma grande área verde em aberto que foi entendido como local de encontro e de descanso dos estudantes. São várias as referências da importância destas áreas para os criadores e Darcy Ribeiro destaca que:

Seria uma imensa concha gramada suavemente recurvada, onde milhares de estudantes e professores, sentados, deitados ou recostados ouviriam música, namorariam, conversariam, discutiriam ou simplesmente conviveriam como membros de uma comunidade solidária, sentindo que a vida é bela e que é gostoso viver em liberdade e participando de um projeto socialmente generoso. (RIBEIRO, 1995, p.132)

Além da possibilidade do encontro nesta grande área “concha”, o aspecto final da Universidade seria um conjunto de edifícios soltos no terreno criando um conjunto disperso e, ao mesmo tempo, em

manchas relativamente homogêneas. Na área central da Universidade existiria então uma composição onde os edifícios, embora afastados uns dos outros, manteriam uma relação de proximidade deixando apenas a área central livre.

Em julho de 1960 foi designada a comissão dos estudos complementares responsável pelo desenvolvimento do projeto de Lúcio Costa, que foi composta por Darcy Ribeiro, Oscar Niemeyer e Cyro Versiani dos Anjos, sub-chefe do gabinete civil.

Em abril de 1962, Oscar Niemeyer apresenta seu projeto para a praça maior e, neste mesmo ano, é inaugurado o campus da UnB e criado o Centro de Planejamento Urbanístico (CEPLAN) desta Universidade que ficaria com a função de planejá-la e seria coordenada por Niemeyer.

Niemeyer fez atuações pontuais, além da definição da Praça Maior trabalhou na configuração dos Institutos Centrais. Esta última intervenção acabou tornando-se fundamental para a configuração da Universidade: o arquiteto propõe a integração dos institutos centrais em um único edifício, o que fortalece e oferece um novo caráter de integração ao igualmente novo modelo pedagógico da Universidade. Todos os campos do conhecimento estariam unidos sob o mesmo teto, sem grandes distinções.

Esta proposta de integração dos edifícios atende às necessidades do programa pedagógico mas também se relaciona com uma possível complexidade tecnológica que desde o início foi buscada no projeto do ICC.

Os espaços deveriam ser flexíveis ao máximo e sempre com fácil acesso. Neste sentido foram diversas as soluções técnicas desenvolvidas para alcançar este objetivo: o projeto seria desenvolvido em níveis permitindo uma divisão clara entre os espaços de sala de aula e de laboratórios, a opção por estruturas pré-moldadas facilitaria o trabalho de uma arquitetura modular, uma rua subterrânea forneceria acesso aos diversos laboratórios sem conflitos evidentes com a área de pedestres, além de outras soluções mais sofisticadas como a criação de esteiras rolantes ou veículos elétricos ao longo da circulação dos estudantes.

Esta preocupação com a tecnologia também pode ser entendida ao analisarmos a maquete do projeto. Sua cobertura é repleta de antenas e possui coberturas inusitadas para representar as possibilidades de uma estrutura única adaptável.

No projeto de 63/64 já verificamos que Niemeyer respeita o projeto original de Lúcio Costa⁶. Permanece a imagem de uma universidade com vários edifícios “soltos” nas áreas verdes – as

⁶ Lúcio Costa, ao que tudo indica, foi consultado por algumas vezes mantendo nestes anos iniciais uma relação mais estreita com o projeto. Dois momentos demonstram esta interação: inicialmente, quando é proposto o edifício único para os Institutos Centrais, ele tenta rever a escala deste, preservando os caminhos inicialmente traçados no terreno. Esta proposta não foi aceita, permanecendo a idéia do ICC cobrindo os caminhos inicialmente traçados por Lúcio. Um segundo momento foi motivado pela descoberta de que o terreno da Praça Maior

faculdades. Apenas o Instituto Central de Ciências (ICC), a Praça Maior e o Centro Olímpico sofrem alterações significativas.

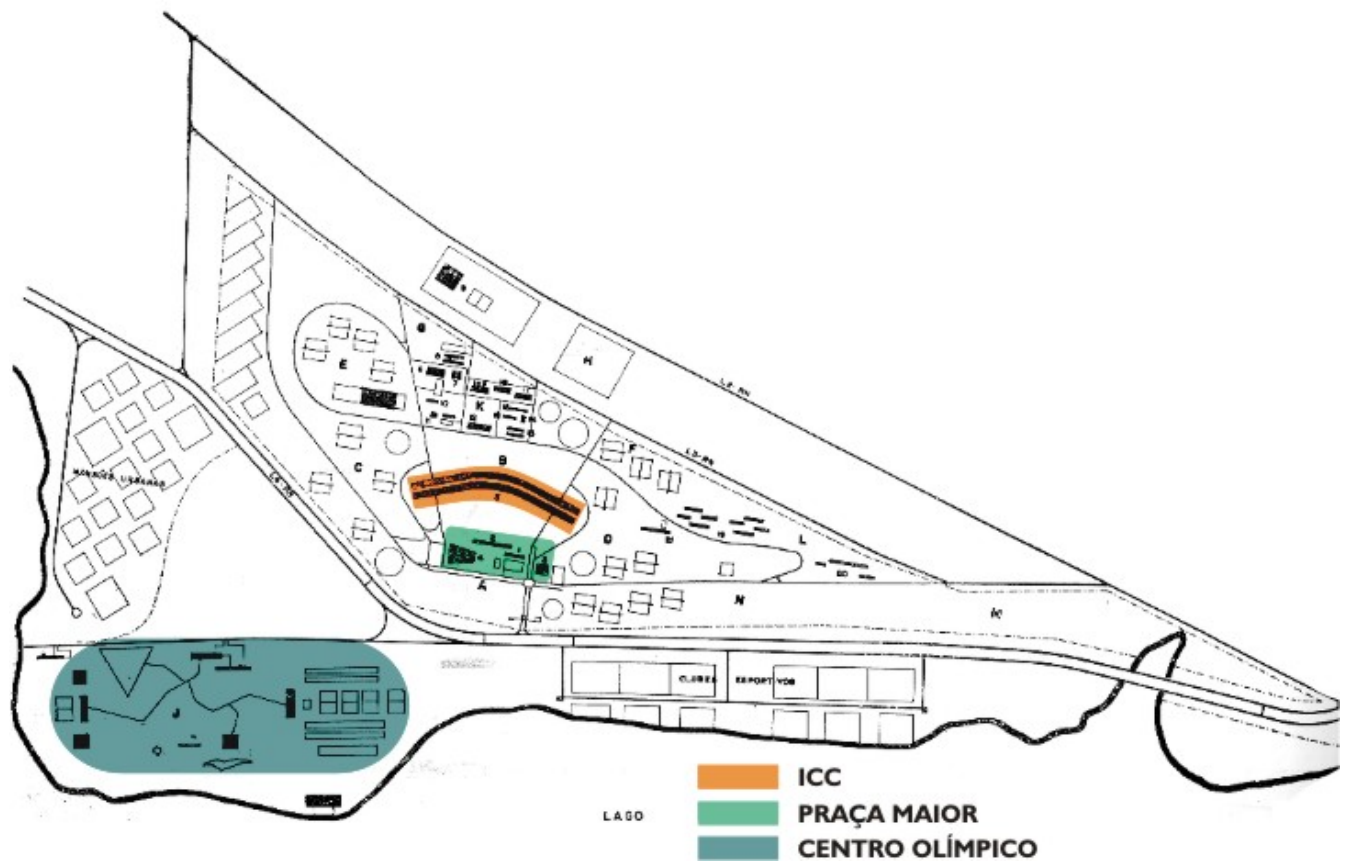


Figura 04 | Plano UnB 1963/64 (ASSIM É A UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1969, p.44, grifo nosso)

O principal rompimento com a proposta inicial de Lúcio Costa foi configurado na proposta de 1964. Nesta a equipe do CEPLAN, ainda liderada por Niemeyer, já propõe uma nova visão de universidade que diminuiria a impressão dos edifícios soltos de Lúcio Costa. Neste projeto há uma tentativa de concentrar também os edifícios das faculdades em grandes construções. Haveria uma significativa redução das unidades dispersas no conjunto. Inicialmente elas se concentrariam nas extremidades do ICC.

não era adequado para a implantação da mesma; nesta oportunidade Lúcio propõe a sua relocação e uma nova entrada com a implantação de um lago no acesso.

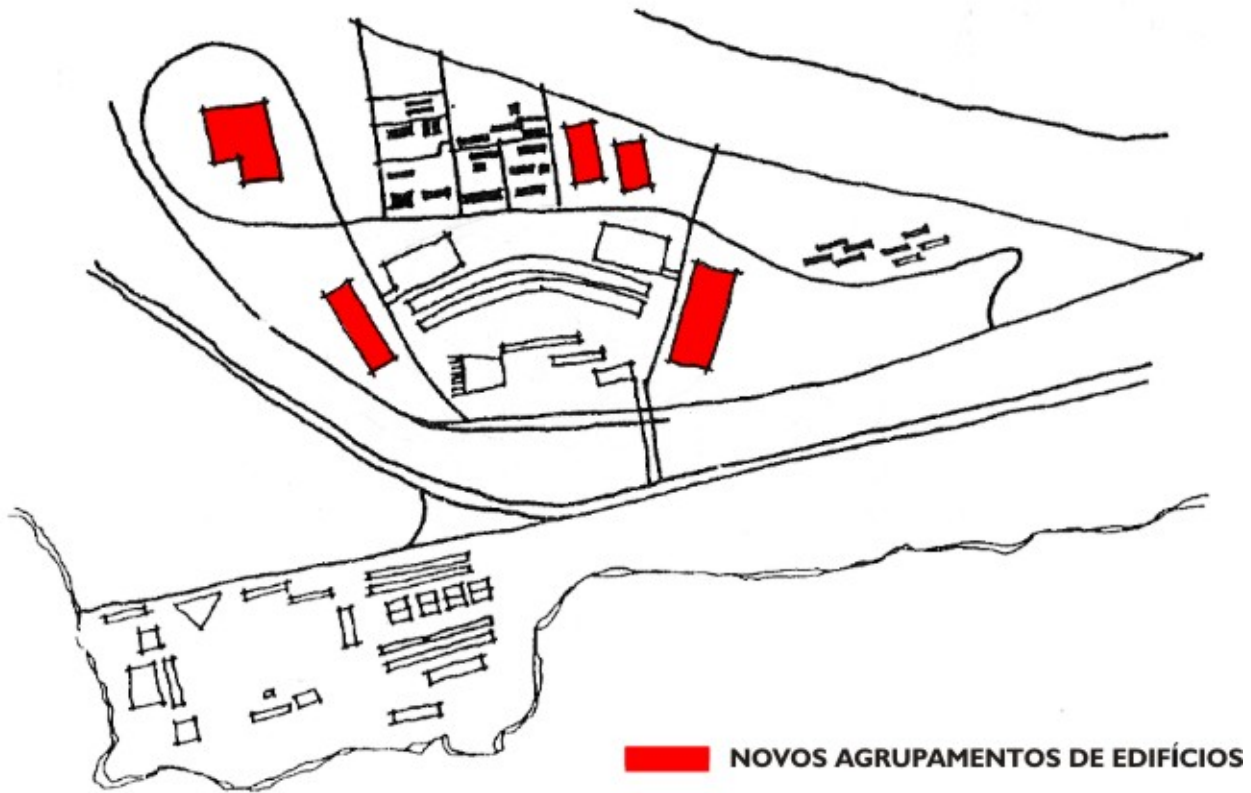


Figura 05 | Plano UnB 1964 (RODRIGUES, 2001, p.133, grifo nosso)

Esta proposta permanece na revisão do projeto, quatro anos depois, em 1969, feita apenas pelos técnicos do CEPLAN, agora sem a participação de Oscar Niemeyer.

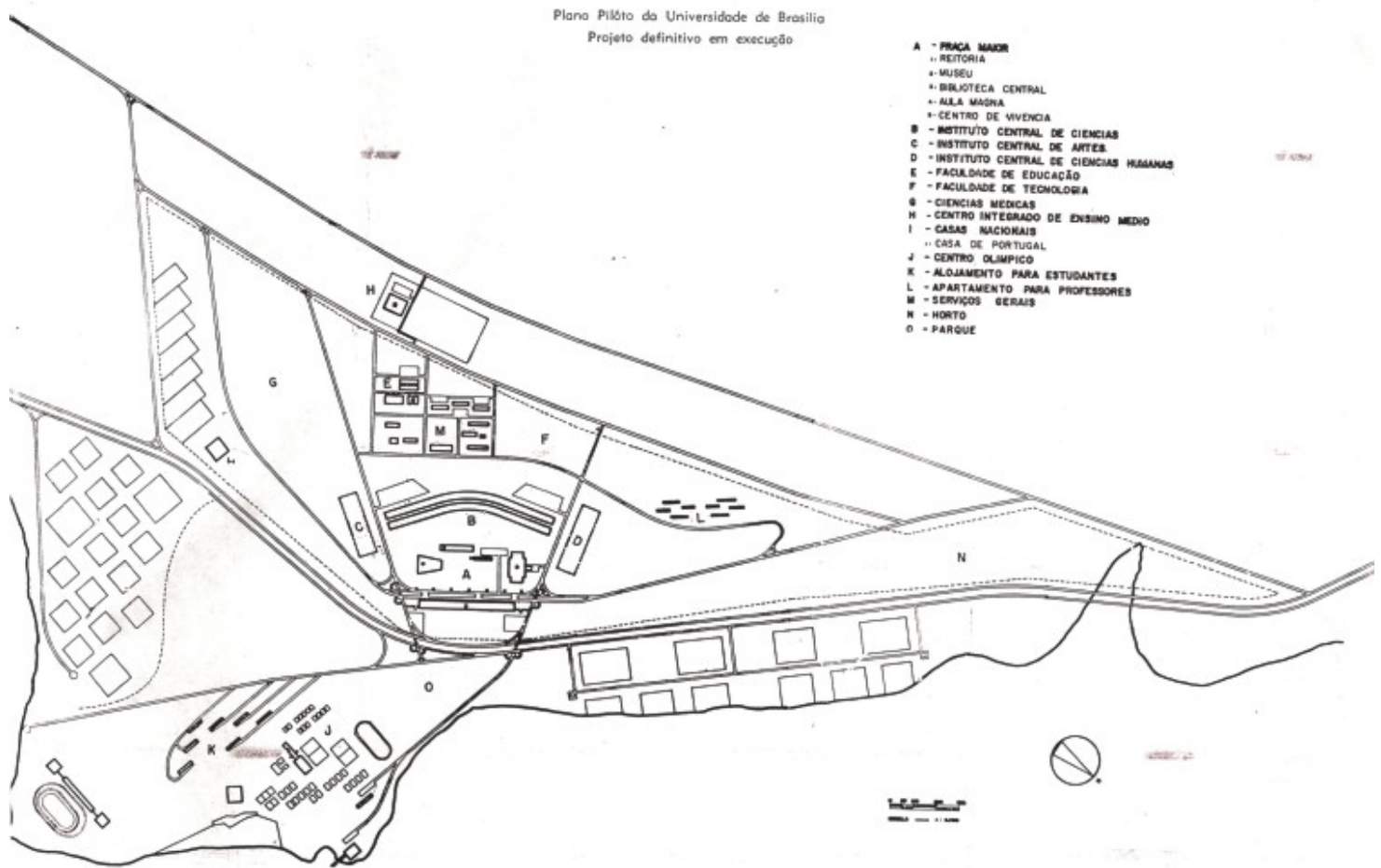


Figura 06 | Plano UnB 1969 (ASSIM É A UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1969, p.23)

Em 1970, o CEPLAN faz uma revisão dos eixos de expansão da universidade, mas ainda permanece com a idéia de manter os edifícios das faculdades configurados como grandes massas. Para esta proposta optou-se por trabalhar com estruturas modulares⁷.

⁷ Embora não seja intenção deste artigo aprofundar nesta questão, vale citar que, a partir da década de 70, as construções modulares, principalmente utilizando estruturas metálicas, começam a ser utilizados nos projetos de cidades universitárias no país, destacando-se, neste contexto, edifícios feitos na UFMG e na USP.

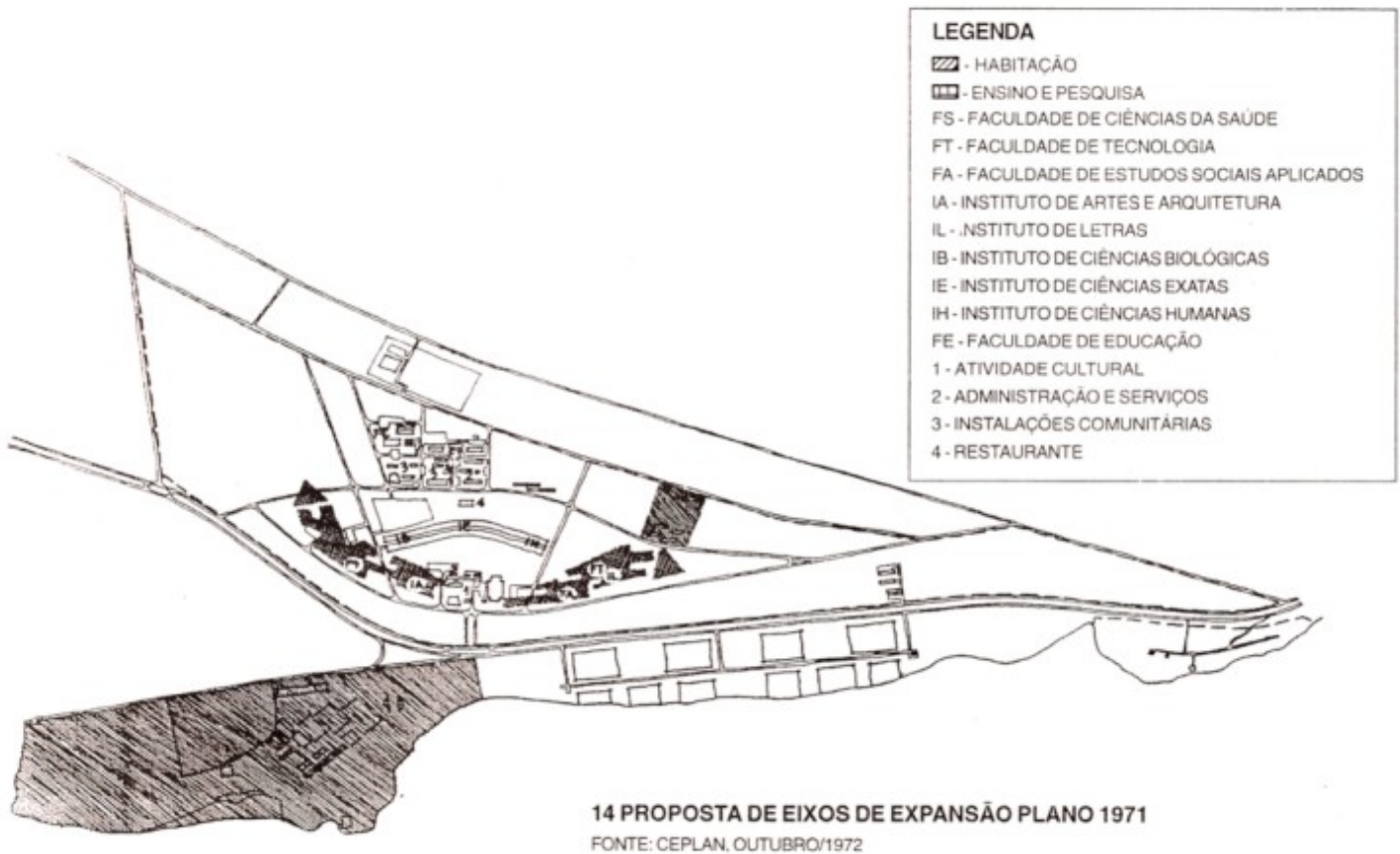


Figura 07 | Plano UnB 1971 (RODRIGUES, 2001, p.135, grifo nosso)

A UnB apenas vai receber novas propostas de planejamento na década de 80 mas, neste período, já havia outra realidade no campus, já haviam edifícios isolados preenchendo os espaços antes vagos. A proposta, assim, se restringiu a identificar eixos de integração e articulá-los com eixos naturais de circulação. Em uma planta de 1996 já podemos verificar o impacto das edificações isoladas ocupando o terreno original.



Figura 08 | Plano UnB 1971 (RODRIGUES, 2001, p.131)

Compreender este desvio do esforço para a concentração dos edifícios em grandes estruturas ou, de certa forma, para o retorno ao princípio proposto por Lúcio Costa em 1960 de trabalhar vários edifícios isolados no terreno, requer uma reflexão a respeito do programa arquitetônico e sua relação com o programa pedagógico e mesmo o contexto cultural.

O programa e a setorização da UnB

No caso das cidades universitárias, o programa se torna um rico elemento de análise, pois pode-se verificar o momento social de uma época, e mesmo os momentos sociais posteriores, por ser um equipamento que permanece em constante mutação. Não causa espanto, por exemplo, que, para a Universidade de São Paulo, tenha-se pensado em um abrigo anti-aéreo para sua cidade universitária na década de 40. A Segunda Guerra Mundial criava novas demandas que mesmo um espaço universitário deveria enfrentar. (CABRAL, 2004, p.99)

Por vezes os programas propostos podem ter referência exclusiva do próprio arquiteto que desenvolve o projeto. Na cidade universitária da Universidade do Brasil, Le Corbusier entende a

necessidade de uma instituição como a universidade estar atualizada com sua época e insere em seu programa um museu de amostras e uma faculdade de música mecânica⁸ (ALBERTO, 2003, p.195).

Na UnB o programa, à princípio, foi definido em uma harmonia entre a equipe de arquitetos e os educadores que trabalharam no projeto. Niemeyer, com sua proposta de criar grandes estruturas para as faculdades, da mesma forma que solucionou os institutos no ICC, formalizou o sonho de integração dos idealizadores da UnB.

Também o abandono deste sonho na década de 80, com o aumento da possibilidade de construção de novos edifícios isolados, não pode ser creditado apenas aos ideais da equipe de planejamento. pois novas visões tanto no campo da arquitetura quanto no campo da educação são estruturadas nesta mesma época.

No campo educacional, como visto, uma das principais características da Unb foi a criação do “ciclo básico” no qual os estudantes deveriam frequentar os institutos durante os dois anos iniciais. Mas esta proposta não durou, aos poucos foi se configurando uma maior praticidade no ensino e os estudantes passaram a interpretar este período inicial como um atraso em sua formação profissional. Este sistema foi se extinguindo aos poucos, sem debates calorosos ou protestos mais significativos por parte dos estudantes, dos professores e do setor administrativo. Em uma entrevista o professor José Carlos Córdoba Coutinho, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB, destaca que o fim do ciclo básico foi um processo quase “natural”.

Mas é importante frisar que a queda do ciclo básico forçou a uma nova postura no estado físico da universidade, como ele afirma.

(...) Alguns departamentos de Faculdades tradicionais não recebiam bem esta idéia de viver comunitariamente dentro de um mesmo campus. Tinha Faculdade de Ciências Sociais aplicadas... Incluía o Direito, Ciências Políticas, Contabilidade, Administração, etc.; E Direito, a velha Faculdade de Direito, tinha sumido. Então houve uma tentativa de retorno a esses modelos tradicionais, um desejo de casa própria. Medicina alegava um milhão de razões pra não permanecer no local (...) Construiu-se então naquela extremidade um conjunto grande para a Faculdade de Ciências e Saúde, que hoje voltou a ser Faculdade de Medicina (CABRAL, 2004, p.295)

⁸ O Museu de Amostras é um princípio do Museu de Crescimento Ilimitado, que só foi realmente projetado em 1939. Ambos são um “modelo” a ser adaptado a várias situações.

Esta postura contrária à junção de faculdades é comum desde o início da formação das cidades universitárias no Brasil, inclusive, talvez, seja o maior enclave da solidificação dos campi em todo o Brasil, principalmente nas cidades com instituições já consolidadas.

Para a pesquisadora Arabela Campos OLIVEN este é um efeito da “marca da origem” de nosso sistema universitário que teve como base as faculdades isoladas. Estas marcas de origem também poderiam ser reparadas nos Estados Unidos ao se verificar que suas universidades ainda permanecem com os ideais dos Colleges, que foram o princípio do sistema universitário norte-americano.

No Brasil, uma vez estruturado o sistema das faculdades isoladas, sempre buscou-se alternativas para a revisão de suas estruturas mas, como a base principal já estava consolidada, todas as tentativas seguintes ficaram comprometidas. (OLIVEN, 2005).

Em linhas gerais, o principal problema com que esbarram as revisões deste modelo é que já existiam estruturas acadêmicas consolidadas, que possuíam privilégios, principalmente geográficos, e não queriam abrir mão deles. O pesquisador Antonio Cunha esclarece alguns dos inconvenientes que foram impostos às faculdades isoladas quando transferidas para uma estrutura que “integrasse” os vários cursos

As salas de aula, até então cativas de cada curso, chegaram a ser substituídas pelo anonimato de salas designadas por critérios genéricos. Em certas universidades, as salas de aula foram separadas dos prédios onde estavam os gabinetes dos professores. Os prédios de departamentos, de faculdades, de institutos, de escolas e de centros foram distribuídos num espaço recriado, de modo que expressavam claramente a hierarquia de poder e prestígio.

Em uns campus, os professores se deslocavam até as salas de aula e os laboratórios situados nos locais de mais fácil acesso para os estudantes; em outros, o fluxo se invertia. (CUNHA, 2003, p.231)

Esta resistência parece fazer parte da história das cidades universitárias no Brasil e teve, na USP, um momento paradigmático quando, em 1973, os estudantes de Direito, denominados “estudantes do Largo”, arrancaram o marco da pedra fundamental do novo edifício da Faculdade de Direito na Cidade Universitária e o colocaram no edifício do Largo de São Francisco. Na pedra os dizeres: “Quantas pedras forem colocadas, tantas arrancaremos” (MARTINS, 2004, p.14).

Darcy Ribeiro ratifica que estes princípios de uma universidade integrada, localizada em um lugar geográfico único, foram frustrados na USP principalmente pela

(...) oposição das grandes escolas, sobretudo dos professores de Medicina, Engenharia e Direito, a que as disciplinas básicas passassem a ser ministradas na nova faculdade, frustrou a realização daquela inspiração integrativa que teria constituído a primeira universidade brasileira organicamente formada. (RIBEIRO, 1991, p.135)

Anísio Teixeira, em uma reflexão sobre o tema feita em 1968, faz um diagnóstico das dificuldades de implantação do ideal universitário de reunião de saberes em espaços físicos próximos, principalmente no que diz respeito à Faculdade de Filosofia Ciências e Letras que se tornaria a célula integradora principal das Universidades (uma proposta com princípio integrador semelhante à do ciclo básico nos institutos que foi desenvolvida no Brasil nos anos de 1930): *“(...) Nada disto se deu. As escolas profissionais continuam como dantes, oferecendo ensino propedêutico e de formação profissional e a Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras fez-se uma escola normal superior de preparo do professor secundário, como tal se multiplicando pelo país.” (TEIXEIRA, 1998, p.110)*

As “marcas da origem” foram tão significativas que alcançaram mesmo uma universidade que não foi formada pela reunião de faculdades isoladas como a UnB. Mesmo nesta universidade, onde todas as faculdades nascem no mesmo campus, o sonho da integração física foi duramente rejeitado.

Atualmente, estes estudos devem ser aprofundados e debatidos. Entre 2002 e 2006, nos governos de Fernando Henrique Cardoso e Lula, foram criadas nada menos que 16 universidades federais. Se compararmos estes números às 40 universidades existentes e criadas durante 80 anos, este número corresponde a um aumento de 37,5% em apenas 4 anos. Neste contexto, estão sendo criados ou consolidados 43 “campi” em todo Brasil (MEC, 2005). Mesmo compreendendo que a maioria destes representam pequenos projetos para abrigar um reduzido número de cursos, também serão feitos projetos de grande porte exigindo extensas áreas para sua implantação. Recentemente, quando a USP decidiu-se pela sua expansão para a área Leste de São Paulo, também optou pela criação de uma nova cidade universitária. Esta postura ainda se repete em inúmeras faculdades particulares que, quando apresentam possibilidades, inauguram novos “campi”.

Por outro lado os estudos sobre as universidades brasileiras tomam relevância na medida em que entendemos que, enquanto a universidade no mundo se aproxima de um milênio de história, no Brasil ainda não completou cem anos e, apesar desta curta trajetória, já participou de momentos fundamentais da própria configuração do Estado, deixou uma herança significativa e continua a

indicar direções para as possibilidades futuras de expansão e consolidação do ensino superior do País.

Bibliografia

- ALBERTO, Klaus Chaves. Três projetos para uma cidade universitária do Brasil. Rio de Janeiro: PROURB-FAU-UFRJ, 2003. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós Graduação em Urbanismo, UFRJ.
- ASSIM É A UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Brasília: Senado Federal, 1969.
- BRASIL. Edital para o Concurso Nacional do Plano Piloto da Nova Capital do Brasil Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 30 set. 1956. Disponível em <http://www.infobrasilia.com.br/documentos.htm>. Acesso em 10 dez. 2005.
- CABRAL, Neyde A. Joppert. A Universidade de São Paulo : Modelos e Projetos. São Paulo: USP, 2004. TESE (doutorado). Universidade de São Paulo, Estruturas Ambientais Urbanas.
- CASTOR, Ricardo Silveira. Considerações sobre a dimensão estética da obra de Oscar Niemeyer. Brasília: Programa de Pós Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2004. Dissertação (mestrado)
- COSTA, Aline Moraes. (Im) possíveis Brasília – os projetos apresentados no concurso do plano piloto da nova capital federal. Campinas: UNICAMP, 2002. DISSERTAÇÃO (mestrado).
- COSTA, Lúcio. Registro de uma Vivência. São Paulo: Empresa das Artes, 1997.
- CUNHA, Luiz Antônio. Câmpus Universitário: Opção ou Destino?. In: MORHY, Lauro. Universidade em Questão. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.
- KOPP, Anatole. Quando o moderno não era um estilo e sim uma causa. São Paulo: Nobel / EDUSP, 1990.
- LOPES, José Leite. Ciência e Liberdade: escritos sobre a ciência e educação no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; CBPF/MCT, 1998.
- MARTINS, Ana Luiza. A “São Francisco” na dinâmica da história e na memória da cidade. In: CENTRO DE PRESERVAÇÃO CULTURAL DA USP. Cidades Universitárias: Patrimônio Urbanístico e Arquitetônico da USP. São Paulo: EDUSP; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005.
- MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO E CULTURA. Universidade de Brasília (projeto de organização, pronunciamento de educadores e cientistas e Lei nº 3998 de 15 de Dezembro de 1961). S.l.: S.e., 1962.
- OLIVEN, Arabela Campos. A Marca de origem, comparando Coleges Norte-americanos e Faculdades brasileiras. Cadernos de Pesquisa, v. 35, n. 125, p. 111-135, maio/ago. 2005
- RIBEIRO, Darcy. Carta: falas, reflexões, memórias. Brasília, n.14, 1995.
- RIBEIRO, Darcy. Carta: falas, reflexões, memórias. Brasília, n.1, 1991.
- RODRIGUES, Luiz Augusto Fernandes. Universidade e a Fantasia Moderna: a falácia de um modelo espacial único. Niterói: EdUFF, 2001.
- TEIXEIRA, Anísio. Educação e Universidade. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.
- TEIXEIRA, Anísio, RAMOS, Jairo e CARDOSO, Fernando Henrique. Universidade de Brasília. Anhembi. São Paulo, v.11, n.128, jul. 1961. p.259-267.
- UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Plano Orientador. Brasília: Editora da UnB, 1962.